

O Diário de
Gilbert Blythe
VOLUME I - DOS 12 AOS 19 ANOS



L. David

O DIÁRIO DE GILBERT BLYTHE - VOLUME I

Dos 12 aos 19 anos

CRÉDITOS

TEXTO
L. DAVID

CAPA
DYENE CORRÊA

ILUSTRAÇÕES
CLARA PARKER
NATALIA FAVRET
TÓRIA BORGES
WANDA SCHREINER

OBRIGADO POR COMPRAR A VERSÃO KINDLE!
PARA ACESSAR O MATERIAL BÔNUS, ESCANEIE O CÓDIGO:



2021

PREFÁCIO DA EDITORA

Para meu primeiro trabalho como editora, ainda moça recém-saída das salas da McGill e cheia de pretensões artísticas, eu sonhava em presentear o mundo com uma obra grandiosa, transformadora, que quebrasse paradigmas e influenciasse o pensamento de uma geração. Para mim, naquela época pelo menos, isso só podia ser conseguido através de uma grande novela urbana repleta de análise social e pensamento futurista. Mas aí da pobre editora principiante: tais obras definidoras não são escritas todos os dias, e dificilmente encontradas em Toronto.

Após meses de procura que me derrotaram o ânimo, fiz uma pequena viagem à minha vila natal, Glen St. Mary, no litoral da Ilha do Príncipe Eduardo. Era a mesma rota que tantas vezes eu tinha feito durante meus anos na McGill, quando a jovem menina da Ilha, cansada da quimera da cidade grande, se retirava ao seu idílio campesino por um fim de semana. De algum modo eu sempre voltava para Toronto com humor renovado e cheia de ideias e disposição. Pois não foi diferente naquela ocasião.

Visitei a velha Ingleside, onde nasceram minha mãe e todos os seus irmãos e onde até hoje vive, às voltas com suas sociedades de auxílio e reuniões de igreja, uma ativa senhora grisalha, outrora ruiva: minha avó materna, com a qual sempre tenho as mais interessantes conversas sobre os mais diferentes assuntos. Nunca houve segredos ou temas intocados entre nós, e literatura é um tema recorrente, tendo ela mesma sido uma autora publicada e celebrada. Acabei por contar a ela minhas aflições de

editora e minha malograda busca por um livro para ser meu *début*.

Então a feição daqueles setenta e oito anos entrou em profunda reflexão, até que se converteu num sorriso cheio de reminiscências e ela foi até seu quarto. Na volta, me trouxe uma quantidade de velhíssimos volumes: eram diários mantidos por meu avô, companheiro daquela excelente senhora por mais de cinquenta anos até que a morte os separou há dois outonos, durante sua juventude. Folheei rapidamente e vi naquelas páginas a alma de um jovem rapaz, derramada ali em pequenos planos e sonhos, autêntica e tangível. Levantei os olhos para minha avó, esperando surpreender os dela cheios de lágrimas de nostalgia, mas encontrei seu olhar sereno e encorajador. Ela me deu expressa permissão para publicar aqueles diários, se e como eu preferisse fazer.

Talvez não te interesse em nada conhecer as pequenas paixões, dúvidas e alegrias de um menino fazendeiro da Ilha. Ou talvez isso seja exatamente o que você precise ler hoje. O mundo vive tempos cheios de incerteza e o horror da realidade às vezes se apodera dos nossos dias. Talvez as lembranças de uma época mais simples e os sonhos de um sonhador nato te tragam um sorriso num dia difícil. É isso o que faz a literatura um tesouro tão precioso: ela pode ser qualquer tipo de cura que sua alma necessite.

Nenhuma alteração foi feita nos escritos, salvo pequenas correções e atualizações de alguma grafia. A alma de Gilbert Blythe permanece viva e intacta nessas páginas.

Toronto, fevereiro de 1943

Diana Meredith, filha de Anne e Jerry Meredith, neta de Anne e Gilbert Blythe

1874

Terça-feira, 7 de abril
Glisson Road, Blyth

Eu nunca tinha considerado a possibilidade de escrever um diário, talvez por achar que a vida de um menino de fazenda de Avonlea não merecesse registro, ou talvez por não considerar isso um divertimento muito interessante. Esses dois motivos foram postos abaixo hoje por meu pai e pelo Dr. Barrett: meu pai disse que já faz muito tempo que não sou um simples garoto de fazenda e o doutor tomou toda a manhã de hoje me falando sobre como é “útil e frutífero fazer os registros de minha vida cotidiana”.

Como hoje faz exatamente um ano que chegamos à vila de Blyth, o Dr. Barrett me presenteou com um caderno e a sugestão de que eu iniciasse um diário. Meu pai apoiou a ideia com entusiasmo e me disse que não faltaria o que eu escrever, pois nossa vida tem sido bastante movimentada. Depois os dois se uniram para me explicar como pode ser conveniente para mim no futuro poder ler como eu pensava e agia antigamente e “refletir sobre o meu próprio crescimento”. Depois de falarem por quase uma hora eles finalmente me entregaram o caderno.

Meu pai tem pelo menos meia razão no seu argumento. Desde que deixamos a Ilha do Príncipe Eduardo e começamos a nossa grande viagem até chegar nessa pequena vila no meio dos enormes Territórios do Noroeste, muita coisa aconteceu na nossa vida. Longos dias em trens, viagens de carruagem, visitas a Toronto, Chicago, Ottawa, passagens por cidades desertas e vilas indígenas - nossa jornada realmente foi muito interessante. Nossos primeiros dias no Oeste em busca da casa do Dr. Barrett, nossa surpresa ao descobrir que a vila onde ele morava tinha o nome quase idêntico ao nosso sobrenome, os primeiros dias do tratamento, as descobertas sobre a vida na vila, tudo foi fascinante no início. Mas depois de alguns meses nossa vida caiu em repetição. Blyth é pequena e logo não tinha mais o

que eu descobrir nos meus passeios. Não me deixam andar além dos muros que cercam a vila. Das 8 às 11 horas tenho aulas com o doutor. A doença de meu pai regrediu, graças aos esforços dele e do Dr. Barrett, e agora ele faz pequenas caminhadas ao redor do bosque e até o rio, mantém uma dieta rígida e faz, todos os dias às 5 horas, exames com o doutor. Tudo tem sido uma rotina fixa. Pouca coisa de novo acontece, então dificilmente eu terei alguma coisa digna de menção para escrever no meu diário.

Sexta-feira, 10 de abril

Entreguei a meu pai o meu diário com a primeira entrada para ele dar sua opinião e ele riu muito. Depois chamou o Dr. Barrett e, juntos, riram mais um pouco. Eu não achei a menor graça e acho que eles perceberam, porque pararam de rir e começaram a me dar conselhos. Eu estava muito bravo e prestes a desistir de uma vez da ideia do diário, mas o que o Dr. Barrett me disse mudou meu pensamento.

“Se você não encontra nada de interessante para escrever sobre sua vida atualmente, faça uma pequena retrospectiva da sua vida recente. Assim você vai encontrar fatos interessantes e talvez ganhe uma perspectiva nova sobre o que vale a pena ou não escrever”

Foi mais ou menos o que ele disse. Não posso dizer que entendi totalmente o que ele quis dizer, mas gostei da ideia de contar aqui tudo o que eu e meu pai vivemos recentemente. Deve render bastante assunto, porque passamos por muita coisa. Vou pensar direitinho e tentar lembrar de tudo, e outro dia eu começo a escrever.

Terça-feira, 5 de maio

Acabei demorando bastante para voltar a escrever, mas acho que vai valer a pena. Estive pensando por onde começar e agora acho que já sei. O Dr. Barrett me deu uns diários antigos para servir de exemplo e já peguei o jeito da coisa - vou tentar fazer igualzinho.

Eu, Gilbert Blythe, filho de Polly e John Blythe, nasci em 25 de outubro de 1862 na em Avonlea, Ilha do Príncipe Eduardo. Meus pais e eu adoramos viajar. Quando eu completei oito anos nós fizemos nossa primeira grande viagem: visitamos nossos primos em Moncton, Nova Brunswick, e depois fomos todos para Saint John passar o Natal. Sempre me lembro do quanto nos divertimos lá.

Há dois anos tínhamos planos de repetir essa viagem, mas meu pai adoeceu de repente e tivemos que cancelar. Pensamos que seria uma doença rápida, mas ele não melhorou. Os remédios da Sra. Lynde não funcionaram. Os médicos de Avonlea e Carmody também não sabiam o que fazer. Fomos até Charlottetown e minha mãe ficou muito triste com o que os médicos a disseram, mas ela e meu pai tentavam não me deixar perceber. Sei que meu pai estava passando muita dor, mas ele sempre sorria e dizia que iríamos procurar um outro jeito.

No início do ano passado meu pai recebeu a visita do meu tio Dave (que, na verdade, é tio de meu pai). Ele é médico há muitos anos em Glen St. Mary, que fica bem longe de Avonlea. Ele e meus pais passaram muitas horas conversando no quarto, e quando saíram estavam bem mais animados. Depois de alguns dias meus pais me contaram tudo: tio Dave conhecia um médico que estava desenvolvendo novos tratamentos para doenças no fígado, que é a que o meu pai tem. O problema é que esse médico tinha se enfurnado em Winnipeg, a umas duas mil milhas de Avonlea. Mas meu pai não desanimou por causa disso, pois ele sempre adorou viajar e devo dizer que herdei isso dele.

Tio Dave escreveu uma carta avisando o tal médico e decidimos que meu pai e eu viajaríamos imediatamente em busca dele enquanto minha mãe tomaria de conta da fazenda. Quando ele melhorasse, voltaríamos.

De Avonlea fomos para Moncton, e de lá pegamos a ferrovia Grand Trunk numa longa viagem até Winnipeg, passando por Ottawa, Chicago, Minneapolis e outras grandes cidades. Vimos todo tipo de paisagem, encontramos todo tipo de gente, dormimos em lugares estranhos, comemos comidas que nunca tinha ouvido falar. No início a viagem estava bem divertida, mas logo comecei a notar que meu pai estava ficando pior. Em Winnipeg descobrimos que o médico que procurávamos tinha viajado para o interior dos Territórios do Noroeste, para estudar plantas medicinais.

A viagem até a vila do médico foi muito mais difícil, e a situação do meu pai estava pior. Não há ferrovia até Blyth, então tivemos que pegar uma carruagem da cidade de Prince Albert até chegar na vila. Quando chegamos meu pai mal conseguia falar, então fui eu que tive que procurar o médico e explicar para ele o problema do meu pai. Finalmente o encontramos morando em Glisson Road, uma enorme casa afastada do centro de Blyth.

A carta que tio Dave tinha mandado para o médico o seguiu até seu novo endereço, e quando chegamos ele já sabia mais ou menos sobre o problema do meu pai e aceitou tratá-lo, hospedando a nós dois em sua própria casa. O tratamento começou imediatamente.

Os primeiros meses foram muito difíceis e o meu pai só piorava, cada vez com uma cor mais doentia no rosto. Eu me correspondia com minha mãe com frequência, e logo percebi que em Avonlea as coisas também andavam difíceis. Eu não sabia o que fazer e tentava ajudar de todo jeito, mas acho que às vezes acabava atrapalhando. Sentia muita falta de casa e medo do que podia acontecer. Mas os meses foram passando e o meu pai começou a dar sinais de

melhora. Não sentia mais tantas dores e o Dr. Barrett me disse que ele não corria risco de vida, o que me deixou incrivelmente feliz. Escrevi uma carta de cinco páginas para a minha mãe, que me retribuiu com outra quase do mesmo tamanho.

Mas a doença do meu pai não tinha ido totalmente embora. O doutor me explicou que o que ele tinha era um “mau crônico” - o que quer dizer que o combate levaria muitos meses, porque o fígado do meu pai tinha sido muito afetado. Talvez ele piorasse e melhorasse várias vezes antes de ficar totalmente curado. Mas agora meu pai podia sair do quarto, andar e comer melhor. Voltamos a conversar e passear juntos. Eu tinha começado a estudar na escola da vila, mas logo precisei sair porque meu pai sempre precisava de ajuda. Então o Dr. Barrett começou a me dar aulas em casa. Nós três nos tornamos muito próximos.

Agora um pouco sobre o médico tão importante nessa história. O Dr. Arnold Barrett^[1] nasceu em Liverpool, na Inglaterra, mas ele não quer me dizer em que ano. Quando não está trancado no laboratório mexendo com plantas e olhando o microscópio ele sempre está lendo e escrevendo. Muitas vezes alguns colegas dele vêm visitar e observar os exames do meu pai. Às vezes ele faz umas viagens para coletar plantas ou comprar material, e nesses dias eu fico sendo responsável por Glisson Road. Ele diz que muitas plantas canadenses talvez possam curar várias doenças que hoje tiram a vida de tanta gente no mundo, que ele pretende estudar a vida inteira para descobrir como, e que depois dele muitos outros continuarão. Adoro escutar quando ele fala assim.

Quinta-feira, 24 de dezembro

Estamos no Natal e eu sinto muita falta da nossa Avonlea. A lagoa dos Barry fica perfeita para patinar nessa época do ano, e minha mãe sempre me leva para lá de manhã. Ela é uma ótima patinadora e meu pai disse que nem em Nova York existe alguém melhor que ela. Minha tia Cass, irmã do meu pai, e seu marido George Fletcher sempre passam o *réveillon* conosco.

Aqui em Blyth o inverno é ainda mais forte do que na Ilha. No início de novembro tudo já está coberto de neve, e as enormes montanhas azuis ficam totalmente brancas. As margens do rio chegam a congelar. Um homem da cidade cria uma rena e ele a empresta aos meninos mais velhos durante o inverno, então eles a prendem a um trenó e saem pela cidade cantando “Feliz Natal!”, e pedindo pudins de casa em casa. Parece muito divertido. Ano passado não pude ir, mas dessa vez vou tentar participar. O Dr. Barrett fica muito ocupado no inverno e meu pai precisa repousar. Os natais em Glisson Road são bem simples. Sinto falta das grandes comemorações que fazíamos em casa.

Gostaria de poder escrever que voltaremos em breve para a Ilha do Príncipe Eduardo, mas meu pai não parece estar melhor. A aparência saudável que ele tinha ganhado se apagou. Ele não me deixa perceber, mas acho que suas dores voltaram. Espero que seja tudo impressão minha. Pode ser o frio do inverno.

1875

Domingo, 7 de fevereiro

Meu pai não está melhor. O Dr. Barrett me disse que ele pode ter tido uma recaída, mas que eu não precisava me preocupar. Ele disse que isso é até bom, porque ele agora pode “entender melhor a natureza da doença e adaptar o tratamento”. Não sei se posso acreditar nisso. O fato é que meu pai agora sai muito pouco do quarto.

Tenho tentado me distrair lendo. O Dr. Barrett tem uma biblioteca enorme, decorada com vários quadros que eu passo muito tempo admirando. Alguns deles me chamam muito a atenção, como um com três jovens de mãos dadas no meio de um grande bosque, que parece muito antigo. É mesmo bem impressionante, como se estivéssemos olhando para uma fotografia.

Outra coisa que me distrai é fazer caminhadas na vila, que tem crescido bastante. Quando meu pai e eu chegamos praticamente não havia crianças por aqui, mas agora consigo encontrar facilmente pessoas da minha idade: muita gente tem chegado das outras províncias e até dos Estados Unidos.

As aulas recomeçaram no início do ano e a professora é da Nova Escócia, o que me fez lembrar um pouco de casa. A escola fica perto de Glisson Road e eu sempre vou até lá durante o intervalo do jantar para brincar com meus antigos companheiros de turma. Consigo me divertir um pouco junto com eles pregando peças nas garotas. Blyth tem meninas muito bonitas, e quanto mais eu as atormento, mais elas riem para mim. Mais ou menos como acontecia em Avonlea.

Quando a aula termina todos nos juntamos para ir até a praça da vila e escutar as estórias do Tio Rod, que é um dos homens mais velhos de Blyth. Hoje ele contou a estória de como a vila foi fundada: o primeiro morador veio de uma cidade chamada Blyth, na Inglaterra, e assim ele batizou o lugar. Me pergunto às vezes se é de lá que a minha família

vem. Sem dúvida é muito curioso o fato de termos vindo parar justamente num lugar com esse nome. É como uma coisa da Providência.

O Tio Rod diz que a vila está destinada a vencer todas as adversidades e que ainda vai crescer muito. O grande sentimento de Blyth é nunca desistir, sempre esperar o tempo certo. Ele diz que logo uma estrada de ferro vai conectar a vila ao resto do Canadá. Será que o Tio Rod é justamente o fundador de Blyth?

Sexta-feira, 2 de abril

Me custa muito escrever hoje. Meu pai está muito pior e agora nem o Dr. Barrett pode negar.

Há umas semanas minha mãe escreveu perguntando como as coisas estavam e eu respondi dizendo que o meu pai não estava muito bem. Ontem recebi sua resposta: ela está planejando vir para cá, deixando a fazenda aos cuidados de minha tia Cass. Quando li a carta para o meu pai ele pediu que eu respondesse imediatamente dizendo que ela não devia vir, que ficasse na fazenda, e que ele ia ficar bem. Não sei se posso escrever isso porque não sei se é a verdade, e não quero mentir para a minha mãe. A única verdade que sei é que estou com muito medo. Não consigo mais nem sair para passear. O que faremos se meu pai não melhorar?

Agosto

O Dr. Barrett agora anda muito ocupado e não me dá mais aulas, passa o dia inteiro no quarto com meu pai. Realmente não sei o que fazer, não consigo mais ler e nem sair para passear. É terrivelmente solitário aqui nessa casa enorme. Minha mãe escreveu pedindo para eu ser forte e ter fé. Não tenho mais ânimo para escrever nesse diário, e nem sei mais se conseguiria. Despeço-me aqui dele.

1876

Quarta-feira, 26 de janeiro

Meu pai está curado!

Mal consigo acreditar no que acabo de escrever. Mas sim, meu pai está curado! Tenho estado a ponto de pular de alegria, e toda a vila veio visitar para dar felicitações.

Não consigo descrever como foram esses últimos meses. Sei que o Dr. Barrett praticamente não dormiu. Fez viagens, recebeu colegas para ajudá-lo, praticamente viveu do quarto do meu pai para o laboratório. Depois de um tempo ele me deixou entrar no quarto para conversar com meu pai alguns minutos todo dia. Eu ajudei como pude. Tentava sempre animá-lo, e dizer que quando ele melhorasse nós poderíamos viajar muito. Gosto de pensar que isso ajudou um pouquinho a curá-lo.

Meu pai está nesse momento escrevendo uma longa carta para minha mãe. Vamos voltar para casa. A linha do trem ligando Blyth à ferrovia Grand Trunk vai estar terminada antes do fim do inverno. Meu pai convidou o Dr. Barrett para ir conosco até a casa de nossos primos em Nova Brunswick, e ele aceitou, pois pretende viajar para Londres em seguida. Em Moncton iremos nos encontrar com a minha mãe. Tudo vai ficar bem agora!

Nunca esquecerei Blyth, mas como sinto falta da minha Avonlea!

Terça-feira, 27 de junho
Moncton, Nova Brunswick

Estamos há alguns dias na casa dos nossos primos aqui em Moncton. Minha mãe chegou no último sábado. Há quanto tempo eu não a via! Meu pai ficou radiante ao vê-la, mas nada comparado a ela quando o viu ali, são e salvo. E não consegui segurar as lágrimas enquanto agradecia ao Dr. Barrett, que apenas ria bondosamente. Nossos primos também estão muito felizes. Amanhã vamos todos para o Grand Hotel em Saint John para comemorar.

Passei a tarde inteira conversando com a minha mãe e ela me deu todas as novidades de Avonlea. Em casa temos agora mais dois gatos, que minha mãe batizou de Tabby e Daisy - temos agora um total de cinco gatos. Estou ansioso para rever todos.

Minha mãe contou que pouco depois que meu pai e eu viajamos os Barry tiveram mais uma filha, e a chamaram de Minnie May. Imagino se ela vai ter cabelo de corvo igual à irmã mais velha, Diana, que era só uma criancinha quando eu deixei Avonlea. Houve um grande concerto do Clube de Debates e uma famosa cantora francesa fez uma apresentação. Os Cuthbert adotaram uma menina de um orfanato. Os Pye e os Sloane agora estão em guerra aberta. De White Sands as irmãs da minha mãe mandaram felicitações pela cura do meu pai, e nos convidaram para visitar quando voltássemos. Minha tia Cass disse que sempre soube que meu pai ia melhorar, e queria vir para Moncton também, mas minha mãe pediu que ela ficasse em Avonlea para tomar conta da nossa fazenda por enquanto. Logo nos encontraremos.

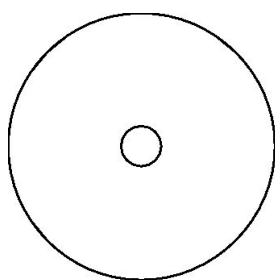
Segunda-feira, 4 de setembro

Nossa estadia em Nova Brunswick está chegando ao fim. Minha mãe teve que voltar para Avonlea logo para cuidar da fazenda e dos seus gatos. Não queremos deixar tia Cass e seu marido sobrecarregados, pois a colheita vai começar logo e eles têm sua própria fazenda para cuidar. O Dr. Barrett viajou hoje para Londres, onde ele pretende publicar tudo o que descobriu enquanto tratava a doença do meu pai. Dei meu diário para ele ler ontem e ele gostou muito, mas fez a seguinte observação:

“Você escreve pouco diálogo e muita narração. Conversas diretas entre pessoas deixam o texto mais interessante e mais autêntico”

Então vou começar a tentar escrever mais diretamente o que as pessoas falam, mas não sou muito bom em lembrar exatamente o que elas dizem, então vou ter que mudar algumas coisas.

Mais tarde o Dr. Barrett, meu pai e meus primos estavam conversando sobre o tratamento e eu perguntei o que o fez decidir ser médico. Ele pegou meu diário e fez o seguinte desenho:



E disse:

“O círculo menor é a soma de todo o conhecimento médico acumulado pela humanidade. Dentro dele se

encontram todas as doenças que a medicina atual pode combater, então se você tiver uma doença que está aqui dentro, a medicina pode te salvar”

“E o círculo grande?”, eu perguntei.

“O círculo grande, que eu desenhei em escala para poder caber na folha do seu diário, representa todas as doenças que podem acometer a humanidade, conhecidas ou desconhecidas. Na verdade, o círculo grande não é apenas grande, mas talvez infinito, ou pelo menos em eterna expansão. Todos os dias doenças novas podem surgir, dentro de qualquer um dos círculos – mas você pode ver facilmente que a probabilidade de ser no círculo grande é bem maior”

“Então isso quer dizer que a humanidade está condenada?”, brincou meu pai.

“Não, certamente não!”, respondeu o Dr. Barrett. “Aí é que entra o trabalho de investigação. Todos os dias estamos tentando aumentar nosso círculo pequeno. Mesmo que pareça pouco, uma fração de polegada ou até menos pode representar a salvação de milhares de vidas. É para isso que vivemos. Talvez chegue um dia em que o círculo pequeno esteja grande o suficiente para garantir o bem estar da maioria da humanidade, mas sempre aparecerá uma nova doença fora do círculo que nos obrigará a começar tudo de novo”

“E então, o que fazemos?”, eu perguntei.

“O que fazer? Continuar lutando. Sempre. O ser humano é um animal lutador, Gilbert. Nada nos fará parar”

Eu adoro escutar quando o Dr. Barrett fala assim. Me deixa imaginando mil coisas.

Antes de ir ele me deixou de presente uma caixa cheia de livros e eu fiquei muito feliz, porque é difícil conseguir livros novos em Avonlea.

Quinta-feira, 21 de setembro

Viajaremos de volta para a Ilha do Príncipe Eduardo amanhã e devemos chegar no sábado. Pela primeira vez me peguei imaginando como vai estar Avonlea quando eu voltar.

Como estará a fazenda? E todos os gatos? E os Barry, os Lynde, os Cuthbert, nossos vizinhos? O grande bosque? E a escola?

A escola deve estar bem diferente. Quase todos os colegas que eu conhecia devem estar no fim de sua vida estudantil. Prissy Andrews, por exemplo, estava no mesmo livro que eu, mas agora já deve estar estudando para os exames da Queen's Academy enquanto eu, mesmo tendo catorze anos, vou ter que recomeçar o quarto livro. Mas isso não importa, pois o Dr. Barrett me ensinou muita coisa nesses três anos. Na verdade, eu sempre fui o primeiro da escola e agora que vou voltar e começar a estudar com alunos bem mais novos, vai ficar ainda mais claro que eu sou muito mais inteligente.

Num instante vou passar para o quinto livro, e aí vou acompanhar a turma de Charlie Sloane, Diana Barry e outros. O que é muito estranho, pois eles eram apenas criancinhas que mal sabiam ler quando eu deixei Avonlea. Lembro que eu gostava muito de implicar com Diana e suas amigas: elas eram tão pequenas e tinham as reações mais singulares quando eu as provocava. Como se gostassem. Imagino como estão agora. Vai ser divertido brincar com elas de novo.

Além disso, pouca coisa será digna de menção no meu diário. Depois dos primeiros dias na escola, tudo voltará à rotina de sempre. Provavelmente vou escrever bem pouco depois da minha volta a Avonlea.

Segunda-feira, 25 de setembro
Avonlea, Ilha do Príncipe Eduardo

A coisa mais... Curiosa aconteceu comigo no meu primeiro dia de volta à escola.

Assim que cheguei reconheci muitos rostos. O professor, Sr. Phillips, não mudou nada. Continua um homem chato e tirano. A única diferença é que agora ele nos incomoda menos, pois está sempre paquerando Prissy Andrews. Os alunos mais novos, como Jane Andrews, Moody Spurgeon MacPherson e Diana Barry, cresceram um bocado. Josie Pye já encontrou o destino fatal de sua família e está sempre desmerecendo as colegas de todas as maneiras. Ruby Gillis, que pelo que me lembro chorava a cada cinco minutos, agora é uma menina bonita, mas ainda com uma constante expressão de choro. É impossível não pensar em provocá-la.

Durante a aula lembrei de uma peça infalível que um garoto de Blyth me ensinou: com um pequeno prego eu prendi a longa trança de Ruby na parte de trás de sua cadeira, sem que ela percebesse. Mais tarde, quando o Sr. Phillips a chamou para se levantar, ela ficou presa pelo prego e caiu dura na cadeira! Foi uma cena hilária, e já havia muito tempo que eu queria pregar tal peça em alguém. Num instante eu tirei o prego e disfarcei, voltando o olhar para o livro de história. Já estava imaginando como eu poderia amarrar os sapatos de Julia Bell em sua cadeira sem que ela percebesse.

Foi aí que aconteceu uma coisa bem estranha. Ao examinar a sala, acabei pondo o olhar na direção onde Diana Barry geralmente se senta. Lá estava ela, com um olhar de terror olhando a pobre Ruby choramingar. Isso é normal. O que eu não esperava era ver o que vi na cadeira ao lado da de Diana. A garota que os Cuthbert adotaram, Anne Shirley, estava lá. Sei que era ela porque ouvi o jeito como a Sra. Lynde a descreveu quando nos visitou no último

sábado. Anne é uma menina muito sardenta. Seus cabelos são *absolutamente* ruivos. Ela parece muito com o que o Dr. Barrett descrevia das escocesas que ele conheceu em Edimburgo, e tem uma expressão estranhamente familiar para mim. Como se tivesse saído de uma pintura.

Anne não tem muito o que se admirar no rosto, pela minha primeira impressão, mas tem uns olhos cinzentos muito interessantes. E grandes. Tão grandes... Como se tivessem vida própria, e mentes próprias. Naquele momento ela os usou para pregar em mim um olhar severo, de reprovação pelo que eu tinha feito com Ruby - Anne tinha me surpreendido na peça do prego. O olhar que ela me lançou com aqueles olhos foi tão intenso que me deixou meio atordoado, e como resposta eu pisquei para ela. Geralmente piscar encerra tais disputas, pois deixa as meninas muito embaraçadas. Nunca falhou, nem aqui e nem em Blyth. Mas ela não se mostrou intimidada ou constrangida: apenas me mandou mais um olhar de censura, se virou para Diana e falou alguma coisa.

Anne Shirley parece ser uma garota singular em todos os sentidos e interessantíssima de se acompanhar. Dizem que ela é órfã - Josie Pye falou que ela foi criada por lobos. Está claro que ela é diferente das meninas que já conheci. Ela fala de um jeito impressionante, com palavras grandes e as frases mais singulares. Parece muito esperta. E aqueles olhos...

Decidi que precisava chamar a atenção dela. Trouxe os truques que os rapazes de Blyth me ensinaram para impressionar: agravar a voz, encher o peito, demonstrar liderança nas lições, mas nada fazia a ruiva olhar para mim. Isso me incomodou demais, porque nada disso havia falhado antes. E ela é três anos mais nova que eu, então eu simplesmente não consigo entender.

Depois do jantar eu me peguei observando a parte de trás da cabeça de Anne. Seu cabelo ruivo é levemente ondulado em cima e ela prende o restante em duas tranças.

Quando Anne vira a cabeça as tranças parecem duas cenouras balançando. Me lembrei que para chamar a atenção de sua amiga Diana Barry eu apenas precisava chamá-la de corvinho, então tive uma ideia. Estendi meu braço e puxei a ponta de uma das tranças, dizendo assim:

“Cenourinha! Cenourinha!”

E isso, que eu achei que não ia trazer nenhuma repercussão maior, me rendeu uma dor de cabeça. Literalmente. Anne se virou para mim e me atirou o olhar mais cheio de ódio que eu já recebi na vida. Os dois olhos de Anne Shirley têm o poder de dois mil. Estavam cheios tanto de ódio quanto de lágrimas e eu fiquei mudo e paralisado de mil sensações que receber aquele olhar me causou. Vi que tinha feito errado, mas antes que eu pudesse recuperar a voz ela me chamou de menino mau e odioso, e meteu, com toda a força, sua lousa na minha cabeça. Pelo barulho que fez, ela quebrou na hora. A lousa, não a minha cabeça.

Não lembro direito do que aconteceu depois, pois fiquei bem tonto, mas distingui a voz do Sr. Phillips repreendendo Anne. Mas ele não sabia. O erro tinha sido meu, todo meu, eu tinha ofendido Anne e merecia a punição. Tentei falar com ele e dizer que não a punisse, mas não funcionou. O Sr. Phillips nunca perde a oportunidade de castigar as meninas. Ele fez Anne ficar em pé em frente ao quadro negro, e escreveu acima dela que ela tem mau temperamento. E escreveu o nome dela errado, ainda por cima. A minha cabeça parecia que ia explodir de dor, mas nada se comparou ao que eu senti quando vi a expressão de pura ira e ressentimento que ela tinha naquele momento. De todos os jeitos eu tentei mostrar para ela um olhar de arrependimento, mas ela nunca mais colocou os grandes olhos dela na minha direção. Fiquei olhando para ela o resto do dia, me sentindo muito estranho, como se estivesse fora de mim, com meu sangue muito quente. Provavelmente tudo por causa da pancada que levei.

Esperiei o final da tarde, imaginando um pedido de desculpas que a cativasse. Fiquei em frente à porta esperando-a sair, sem conseguir responder às pessoas que passavam por mim. Não conseguia falar nada. Apenas esperava Anne. Quando ela enfim ia se aproximando eu tentei trazer à minha mente trechos de livros que deixassem o pedido de desculpas cheio de significado, mas naquela hora nada me veio à cabeça e eu falei assim:

“Eu estou muito arrependido por ter feito graça com seu cabelo, Anne. Sério, eu estou. Não fique com raiva de vez”

O que, percebo agora, é bem ridículo. Não sei improvisar muito bem. Mais tarde imaginei mil maneiras melhores de ter me desculpado, mas na hora foi aquilo que saiu. O que importa é que Anne nem parece ter escutado, ou escutou e me ignorou completamente. Ela e Diana Barry passaram por mim sem dizer uma palavra.

E é isso. No meu primeiro dia de volta à escola o que eu consegui foi um grande galo na cabeça. Bela recepção. E a menina dos olhos grandes não quer olhar para mim. Mas isso não vai durar. O galo vai sumir, e amanhã eu terei mais uma chance de falar com Anne, e já tenho um plano para que ela me perdoe. Se a sorte me favorecer, tudo vai funcionar bem. Anne Shirley TEM que olhar para mim de novo.

Terça-feira, 26 de setembro

Meu pai sempre diz que às vezes um sujeito está totalmente sem sorte e tudo o que ele tentar fazer no dia vai dar errado.

Fui à escola com a intenção bem clara de fazer Anne Shirley me desculpar. Tomei todo o cuidado de não fazer nada que pudesse piorar a opinião dela sobre mim. Foi difícil resistir à tentação de colocar um dos grilos de Tommy Sloane no ombro de Gertie Pye quando ele me deu a ideia. Tive que ser forte, pois eu tinha um plano.

Eu tinha comprado em Nova Brunswick uns docinhos de vários formatos e com frases diferentes escritas. São muito bonitos e eu imaginei que seriam um pedido de desculpa perfeito para Anne. Procurei algum que a agradasse e achei um em forma de coração e que tem escrito “Você é um doce”. Não tinha como ela resistir a isso.

Na escola ainda estou conhecendo a nova turma. Os meus antigos colegas, os alunos mais velhos, sempre vão para casa na hora do almoço, enquanto os mais novos ficam brincando nos quintais do Sr. Bell. Estive tentando me enturmar com os mais novos hoje à tarde, o que é fácil, pois todos eles meio que me seguem. Charlie Sloane não tem senso de humor, e vive de olhos arregalados. Moody MacPherson é muito azarado e adora criticar os outros. Tommy Sloane, o dos grilos, é preguiçoso e sempre procura uma maneira de fugir das tarefas. Jimmy Glover é o que se pode esperar de um Glover: esnobe e sempre tentando levar vantagem em relação aos outros. E tem Fred Wright, que é calado e sempre está observando tudo. Ele é dois anos mais velho que o restante dos colegas de quinto livro, o que o faz um ano mais novo que eu.

Estive com eles durante o intervalo brincando nos abetos do Sr. Bell enquanto o professor não voltava do jantar. Por algum motivo o Sr. Phillips tinha decidido que ia começar a punir os alunos que se atrasassem depois do

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Diário de Gilbert Blythe: Volume I -..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).